



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17971 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

MULHER, MÃE E PROFESSORA: (IN)VISIBILIDADES E REFLEXÕES SOBRE CONDIÇÕES DE TRABALHO

Milca Maiara Mendes Cummings - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Elizeu Clementino de Souza - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

MULHER, MÃE E PROFESSORA: (IN)VISIBILIDADES E REFLEXÕES SOBRE CONDIÇÕES DE TRABALHO

1 INTRODUÇÃO

O estudo cujo resultado é apresentado nessa comunicação, faz parte da pesquisa de Doutorado, por hora intitulada: negras, mulheres, mães e Professoras: História de vida-formação- profissão na Rede Municipal de Salvador- BA. Vincula-se também à pesquisa “Educação, narrativa e saúde: direito à vida e à educação em tempos de refigurações” e conta com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ, coordenado Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO)- no âmbito do Programa de Pós Graduação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Essa pesquisa objetivou, a partir de escritas narrativas, compreender e acolher as vivências e experiências das mulheres, mães e professoras. Ressalta-se que o estudo foi desenvolvido a partir da adoção de princípios metodológicos da (auto)biografia. Ao assumirmos a pesquisa qualitativa e a abordagem (auto)biográfica, reconhecemos que é preciso balizar estudos que valorizem o que dizem as professoras, como forma de acolher as angústias, enfrentamentos e anseios vividos.

A escritas narrativas são tomadas como dispositivos que consideram a existencialidade e a vida-formação das professoras, as quais tecem suas recordações referenciais (JOSSO, 2004) para escrever suas experiências com/na Pandemia e após.

Configuram-se como instrumentos nos quais os sujeitos revelam compreensões, transformações, deslocamentos, possibilidades, processos de aprendizagens, relações culturais e sociais que são tecidas no processo de formação individual e coletivo.

Como um modo profundamente humano de confrontar sentidos e significados (MARTINS; TOURINHO, 2017), a narrativa é compreendida como base desse trabalho, pois ela permite a ruptura, através da reflexão e (auto) reflexão, de formas e maneiras positivistas de pensar e pesquisar com pessoas e sobre seus processos formativos e de vida, construindo novas perspectivas que se estabelecem na experiência e na narrativa de si.

[...] Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal. (JOVCHELOVITCH, BAUER, 2000, p. 91)

Os autores refletem como a experiência é colocada no campo de uma construção individual e social através da sequência de acontecimentos, incômodos, pensamentos e comportamentos, possibilitando a compreensão do social a partir da vida que se constrói cotidianamente no qual o indivíduo aprende, muda, experimenta, conhece, cria.

As professoras foram convidadas a realizar uma escrita narrativa, na qual apresentassem um pouco de sua vida-profissão, dos seus sentidos, percepções e experiências enquanto professoras e suas condições de vida e trabalho durante e pós a pandemia. São cinco colaboradoras, mulheres, mães e professoras da Rede Municipal de Salvador-Ba que tecem e apresentam suas narrativas e nos impõem debates contemporâneos e necessários sobre pessoas, educação e profissão.

Trata-se de um conjunto de professoras experientes que de maneira geral possuem entre 7 e 27 anos de docência na rede municipal de ensino, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e tem entre 1 e 2 filhas ou filhos.

Tabela 1: Perfil biográfico das colaboradoras

Colaboradoras	Formação acadêmica	Rede em que atua	Tempo de docência	Quantos filhos (as)	Auto declaração
Ana Cristina	Pedagogia	Pública	27 anos	1	Parda
Luciana Carvalho	Pedagogia	Pública	14 anos	2	Branca
Poliana Lima	Artes	Pública	7 anos	1	Indígena
Nelma Cássia	Pedagogia/História	Pública	27 anos	2	Parda
Rafaela Pereira	Línguas Estrangeiras	Pública	24 anos	1	Preta

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Assim, as escritas narrativas que constituem essa pesquisa apresentam-se a partir três eixos principais e complementares, a saber: Eixo 1: Sobre sentimentos: incertezas, dúvidas, medos que vieram junto com o Covid-19; Eixo 2: Sobre as novas formas de trabalho: percepções e sentidos; Eixo 3: Vivências e experiências da vida–profissão pós Pandemia. Estes eixos, interligados e cíclicos entre si, revelam o valor singular da experiência das professoras, sujeitos desse estudo, que estabelecem ligações, conexões e memórias a partir do resgate, da consciência e exposição pela narrativa escrita (JOSSO, 2004).

A análise das escritas narrativas obedece a uma lógica interpretativa compreensiva quando a partir das narrativas, buscamos tecer uma interrelação dialética entre o ser, o mundo e os outros (ou no mundo e com o outros). A interpretação leva, assim, ao conhecimento indireto da nossa existência, pois o texto é interpretado para compreender a existência que o próprio texto expressa e fixa[...]. Existir é ser interpretado (RICOEUR, 1991, p.15).

2 MULHERES, MÃES E PROFESSORAS: PRESENTES!

No eixo 1 “*Sobre sentimentos: incertezas, dúvidas, medos que vieram junto com o Covid19*”, destacam-se, nas narrativas das colaboradoras, relatos que trazem as dificuldades de adaptação à nova realidade pessoal e profissional demandada pela pandemia. São sentimentos de angústia, de medo e insegurança diante das incertezas do momento. Apesar de algumas falas demonstrarem fé e esperança em dias melhores, predominam os relatos de ansiedade, solidão, saudade de familiares e amigos, sentimentos angustiantes e muitas dúvidas sobre o contexto contemporâneo de vidas alteradas pela pandemia. Também se queixam de dificuldades financeiras e queda significativa na renda familiar, o que aponta para dilemas de uma crise de aumento da inflação e redução do poder aquisitivo das profissionais da educação, algo que não se inicia com a chegada do coronavírus, mas que com ela se intensifica, afetando diversos profissionais e as pessoas das classes populares, de um modo geral.

A vida é repleta de surpresas, agradáveis ou não. A princípio, a angústia foi avassaladora, fiquei meio sem entender o que estava acontecendo. Tudo parou, mas precisava seguir. Como? Com quem? Quantos deixarei pelo caminho? A incerteza veio como tortura. Nesse tempo, já se esvaia a saúde mental, o corpo exalava o medo. Para além da crise sanitária, a crise financeira também chegou com suas sombras. Ainda não digeri o interrompimento provocado pela Pandemia do Coronavírus, a única certeza que cabia era a incerteza do normal atual. (Escrita Narrativa, Eixo 1, Luciana Carvalho, 2022)

A narrativa da professora Luciana, as incertezas e os medos trazidos pela Pandemia tem um aspecto que perpassa pela condição salarial do trabalho. A crise financeira veio junto com

a crise sanitária e atacou, especialmente, as classes menos favorecidas. Muitas mulheres que sustentavam seus lares, famílias e filhos foram afetadas com o desemprego ou com a sobrecarga de trabalho, tempo dedicado ao cuidado não remunerado ou mal remunerado e não reconhecido.

As mulheres foram mais expostas à violência doméstica, mais prejudicadas em sua saúde mental e independência financeira, perderam mais seus empregos, enfrentam mais dificuldade de recolocação, diminuíram sua produção científica, especialmente mulheres com filhos. Essa dimensão do esgotamento emocional das mães traz consequências para toda a sociedade, gerando sofrimento não apenas para as mães como para todo o núcleo familiar e impactando na saúde emocional e no desenvolvimento de toda uma geração de crianças.

Por outro lado e poeticamente, a colaboradora Poliana vem nos dizer:

Aqui estou. E num instante tudo parou. As certezas planejadas, suspensas ficaram. E agora? O que fazer?.E com humildade, reconheço o poder do Senhor do Tempo....Entender que é um momento de suspensão...De revisitar certas ordens.Comecei a perguntar: E agora? O que fazer? É possível algo Ser? E tomada por um fluxo inquieto e constante, revisitei princípios, Sim! Pontos balizares de quem SOU e o que desejo fazer no MUNDO. Mexe! Remexe! Questiona...inverte. (Escrita Narrativa, Eixo 1, Poliana Lima, 2022)

Essa narrativa nos desperta a pensar nossa prática e nossa experiência advinda com a Pandemia, sobre os novos olhares e as novas formas que deveríamos e devemos aprender com o vírus, como bem aborda Larossa (2002) requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. Poliana e Larossa parecem ter dialogando durante a Pandemia.

No segundo eixo “*Sobre as formas de trabalho: percepções e sentidos*” foram relatadas impressões sobre as novas formas de trabalho impostas pela pandemia e que perduram até hoje. Foi possível perceber que as professoras colaboradoras do estudo sentiram muita dificuldade com a ausência do contato físico com os estudantes, algo muito importante nas suas ações educativas antes da pandemia. Houve um impacto nas relações interpessoais e um grande aumento na sobrecarga de trabalho, é o que relatam a maioria. Tiveram que se adaptar rapidamente ao modo de docência digital e de assistir demissões de colegas, principalmente aquelas que tinham contratos de trabalhos com vínculos mais frágeis.

As formas de trabalho pós-pandemia acelerou o processo de

digitalização que já acontecia no mundo global, ou seja, houve quebra de paradigmas. Muitos profissionais capazes de orientar seus educandos através do ensino remoto, porém os impactos entre os estudantes e instituições foi muito grande. O ensino a distância tornou-se bastante presente nas famílias, ou seja todas as ferramentas de tecnologia devem permanecer nas escolas, mas de maneira híbrida, contudo será apenas uma aliada na transmissão do conhecimento, “mas nada substitui as relações humanas, aquela de corpo a corpo”. Apesar da dificuldade, não pretendo abandonar a carreira a qual escolhi, pretendo continuar trabalhando como professora, batalhando para uma educação de qualidade independente do momento. (Escrita Narrativa, Eixo 2, Ana Cristina, 2022)

Como colocado nesse recorte da narrativa de Ana Cristina, no contexto pandêmico, as professoras foram responsabilizadas pelo processo educativo e pelo desempenho dos alunos, da escola e do sistema educacional (OLIVEIRA, 2020). As professoras assumiram novas funções e responsabilidades, principalmente aquelas ligadas à produção de recursos digitais, a fim de responder às exigências da comunidade escolar na qual estavam inseridas. Também foi cobrado delas a não reprovação dos estudantes, acompanhamento de frequência, planejamentos, avaliações, preenchimento de sistemas e plataformas de controle do trabalho docente, relatórios, etc., sem, minimamente considerar que para além das atividades pedagógicas do trabalho remunerado, as atividades domésticas de cuidado que garantem as condições materiais para do lar, dos filhos, da comida, da higiene, da limpeza, aumentou sobremaneira a carga das mulheres, mães e professoras, revelando uma divisão desigual do trabalho e das condições de vida.

A narrativa da Professora vem nos alertar para emergente necessidade de políticas públicas que considerem as experiências advindas da Pandemia, considerando as novas formas, mas respeitando os tempos, volumes e tipos de trabalho, como também destaca a Professora Rafaela:

Nada será como antes, é hora de repensarmos atitudes e quebrarmos paradigmas neste novo fazer na sociedade! De alguma forma, tudo isso vem tocando nos pensamentos, sentimentos e atitudes do indivíduo. O novo fazer em todos os campos e segmentos, será extremamente necessário. Na Educação, não será diferente! Políticas Públicas voltadas para a tecnologia deverão nortear o nosso Sistema educacional, para que as oportunidades cheguem para todos sem utopia! Quanto ao volume de trabalho certamente foi triplicado, pois levo mais tempo planejando, elaborando e fazendo trabalhos burocráticos .Inclusive fora do meu horário de trabalho. (Escrita Narrativa, Eixo 2, Rafaela Pereira, 2022)

O aumento das horas de trabalho em frente ao computador e ausência de políticas públicas que protegessem as docentes para as novas demandas também foram relatados, e perduram até hoje. Ainda assim, as professoras demonstraram capacidade de reinvenção,

relatando que novas aprendizagens foram conquistadas. São relatos que reforçam o que diz Santos (2020) ao afirmar que o vírus tem nos dado lições valiosas e nos ensinado, tal como se fosse um professor.

Com relação ao terceiro e último eixo “*Como tem vivenciado sua vida –profissão pós pandemia?*” Sobressaem-se as falas que trazem um “sufocamento” da vida pessoal para atender às novas exigências profissionais. São mulheres que já exerciam a docência de um modo resiliente, tendo que lidar com um contexto de trabalho grande fora e dentro de casa. Na pandemia, porém, viram ser amplificadas as condições de sobrecarga a que são expostas, com aumento de reuniões e necessidade de adaptação das práticas pedagógicas e dos planejamentos das aulas.

Precisei ter disciplina para não sufocar a vida pessoal, ultrapassei as horas estabelecidas para o trabalho por inúmeras vezes. O que aprendi? Aprendi que mudar pode doer, mas fortalece e surpreende. A tecnologia é uma forte aliada nos dias atuais! (Escrita Narrativa, Eixo 3, Nelma Cássia, 2022)

Venho questionando meu papel de professora dentro da situação que nos encontramos. Percebo que nos é passada uma responsabilidade acima do que realmente devíamos ter. Não podemos aceitar que tenhamos obrigação de suprir deficiências, carências e outros fatores inerentes ao âmbito familiar ou de obrigação do Estado, com isso não digo que tenhamos que ser indiferentes, só pontuo que não devemos assumir o que não nos cabe. Vendemos a nossa força de trabalho e precisamos diferenciar o que atribuição da função com o que por uma visão humanista, podemos fazer. (Escrita Narrativa, Eixo 3, Rafaela Pereira, 2022)

Os questionamentos das professoras vêm, mais uma vez, alertar para o aumento das tarefas, a instalação de horários atípicos, a aceleração no desempenho das atividades, a ausência de condições materiais efetivas que afetaram e afetam em cheio a produção docente e sua subjetividade, tendo como principal alvo as professoras no exercício de suas funções docentes, maternais, de cuidadoras, com jornadas múltiplas de trabalho, remuneradas ou não.

3 CONCLUSÕES

As experiências das mulheres, mães e professoras com/na e pós Pandemia, reveladas nas suas escritas, trazem elementos das suas vidas e das suas profissões que estão imbricadas e marcadas pelas suas narrativas (auto)biográficas nas quais organizam suas ideias, potencializam a reconstrução das suas vivências pessoais e profissionais de forma autorreflexiva e demarcam a importância do narrar, do revelar-se, destacando o papel da subjetividade, das experiências constitutivas da individualidade e de processos de individuação para exterioridade social (MOMBERGER, 2012).

Essas escritas nos alertam sobre o que ficou mais visível na Pandemia, mas que está vivo e presente no cotidiano de grande parte das mulheres brasileiras. Coloca-nos frente aos

desafios do presente e nos projeta para o futuro, a fim de que as condições de trabalho e as políticas públicas possam considerar essa condição triológica cumulativa de ser mulher, mãe e professora.

Em síntese, é preciso repensar as múltiplas funções assumidas pelas mulheres, mães e professoras, o que precisa ser encarado como um compromisso ético e político dos governantes e das políticas públicas. Chamamos atenção para a necessidade da promoção e fortalecimento dos processos formativos, respeito aos horários, funções e cargas de trabalho, da necessidade de ações e políticas de atenção e cuidado físico e emocional para essas pessoas-profissionais que venham a contribuir com a prática docente e com formas de vida mais humanas e justas. Além da necessária valorização dos saberes experienciais e pedagógicos das mulheres, mães e professoras que formam pessoas e fazem a escola cotidianamente.

4 REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico.** In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006. p. 149-170.

DELORY-MOMBERGER. Christine. **A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas.** In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria da Conceição. (Org.). Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica: Tomo I. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador, EDUNEB, 2012. p. 71-93.

JOSSO, C. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. **Entrevista narrativa.** In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** In: Revista Brasileira da Educação. Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br> Acessado: Abril, 2022.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **(Des) arquivar narrativas para construir histórias de vida ouvindo o chão da experiência.** In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p. 146-165.

OLIVEIRA, Dalila A. **Trabalho docente.** In: OLIVEIRA, Dalila A; DUARTE, Adriana M. C. VIEIRA; Livia M. F. Dicionário: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro.** Campinas: Papyrus, 1991.

